

RELATO DE CASO

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIMONTES: PRODUÇÃO DE NOVAS SUBJETIVIDADES

ÉVALUATION INSTITUTIONNELLE DANS UNIMONTES: PRODUCTION DE NOUVELLES SUBJECTIVITÉS

*Antônio Alvimar Souza**

RESUMO: O presente artigo discute a questão da Avaliação Institucional, aborda os desafios e as perspectivas de implementação do processo e aponta para o redesenhar da nova cultura em torno desta questão.

PALAVRAS CHAVE: avaliação, subjetividade, construção, processo.

RESUMÉ: Cet article discute la question de L'Évolution Institutionnelle, em faisant un abordage des défis et des perspectives pour la préparation du processus vers le redessiner de la nouvelle culture à propos de cette question.

MOTS-CLÉS: Évaluation, subjectivité, construction, processus.

O caderno da Comissão Especial de Avaliação Institucional do ano 2000 foi aberto com o artigo “**As Universidades e a Construção do Processo de Avaliação**” – uma reflexão, seguida de debate, com ênfase em torno do tema “construção”.

A dimensão dos efeitos desse debate não se sabe ainda, visto que falar em avaliação institucional, no âmbito da Unimontes, é um processo em construção, pleno de perspectivas, de vontade de trilhar um caminho com uma nova concepção.

Entende-se construir, nessa perspectiva, o fazer por etapas, é o resgate de idéias e de ações anteriores, que somados ao vigor das do presente, resultam numa teia de significados

* Mestre em Filosofia e Coordenador da Comissão de Avaliação Institucional da Unimontes, professor do Departamento de Filosofia/ Unimontes.

que imprime um caráter de continuidade, visto que a avaliação “se faz presente na vida de todos nós que, de alguma forma, estamos comprometidos com atos e práticas educativas”. (LUCKESI, 2000:7)

A Avaliação Institucional é um indicador de inúmeros desafios. As questões que vêm sendo colocadas, ao longo dos anos, persistem no processo que se desenvolve nos

diversos Centros desta Instituição de Ensino Superior. No entanto, também é notório o crescimento da consciência da comunidade universitária que discute, com tranquilidade e confiança, a problemática apresentada pela Comissão. Essa postura viabiliza a abertura para o debate livre e maduro; cria-se, portanto, o espaço propício para o acolhimento do novo; e acolher “é o ponto de partida para qualquer prática de avaliação. É um estudo psicológico oposto ao estudo de exclusão”. (LUCKESI, 2000:7)

O ato de acolher é construído, desenvolvido, já que não se nasce acolhedor, mas se educa para o acolhimento, e para este é fundamental estar disposto; e disposição requer atenção, desde que estejamos “atentos ao modo como recebemos as coisas”. (LUCKESI, 2000:10)

Constata-se a ansiedade, na Unimontes, gerada pelo processo de avaliação. Essa angústia decorre da falta de clareza e de entendimento do próprio processo que foi sendo delineado, nos últimos anos, dentro desta Universidade. Além disso, predomina, ainda, em boa parte desta comunidade acadêmica, um ceticismo quanto aos resultados. Aspira-se a soluções instantâneas para problemas crônicos, enraizados.

Muitos desejam fugir da discussão, visto que o processo de avaliação aponta para as sombras que aterrorizam as instituições universitárias. Sombras que, conforme Platão deixou escrito, ofuscam e nos impedem de ver as coisas como elas verdadeiramente são.

É necessário que haja o entendimento de que a temática da avaliação não pertence e não se esgota dentro dos muros desta universidade. Ao contrário, a questão hoje tomou rumos universais, pois atinge toda a comunidade universitária espalhada pelo território brasileiro. A avaliação não é mais da instituição, mas de todos os seguimentos que ela congrega, isto é, de todos os que, direta ou indiretamente, constroem a Universidade. Não há, por exemplo, como fugir da avaliação Nacional de Cursos e dos instrumentos externos que se consolidam como classificatórios e punitivos na conjuntura universitária atual.

A avaliação não deve refletir somente o passado obsoleto, mas os sonhos, utopias, apontando para a “qualidade de vida que se coloca sempre à nossa frente”. (LUCKESI, 2000: 10)

A universidade oscila entre o esplêndido e o ofuscado na medida que não temos a coragem para efetuar mudanças necessárias. Para muitos, mudanças não são necessárias, pois tudo já se encontra pronto e acabado. Para outros, a inquietude desmorona o presente e faz surgir novas etapas, tendo em vista o futuro. Sendo assim, a avaliação constitui-se como um instrumento fundamental para apontar os “erros” e “acertos” dentro do próprio processo. A avaliação, na universidade, não deve ser um elemento estranho ou uma barreira, mas um constructo do nosso dia-a-dia, um indicador das mudanças necessárias.

A proposta de Avaliação Institucional na Unimontes é promover a auto-reflexão das suas ações. A comunidade acadêmica (professores, administradores, servidores, discentes, etc.) deve entender o sentido do processo que hoje se desenvolve no interior da universidade e que os processos avaliativos devem ser conduzidos de forma independente e não responder diretamente às demandas e solicitações das autoridades universitárias, políticas ou grupos econômicos.

Urge que a comunidade acadêmica entenda que o processo de avaliação está sujeito às características do tempo atual, em que as mudanças se processam num ritmo acelerado. Assim, é a rapidez na divulgação dos resultados que assegura a eficácia do processo. “A avaliação deve ser ágil, não sendo assim, qualquer relatório final será defasado. A avaliação, às vezes, demora tanto que, quando fica pronta, acabou a universidade”. (PENNA FIRME, 1985:51)

Na Unimontes, o processo, em andamento desde 1999, tem procurado valorizar a diversidade das informações encontradas no próprio decorrer da história dessa Universidade. Para facilitar a compreensão e entendimento, a Pró-Reitoria de Ensino procurou articular um grupo de professores para ajudar no processo de consolidação da avaliação, pois ela é peça fundamental no desenvolvimento das ações da universidade e na melhoria dos cursos de graduação.

Verificou-se nos arquivos da Comissão Especial de Avaliação Institucional (CEAI), uma série de documentos, dentre eles, resultados de diversos anos – 1998, 1999, 2000 e

2001. Merecem destaque os Anais do “*I Seminário de Avaliação Institucional – 1995*”, “*II Seminário de Avaliação Institucional – 1996*” e “*III Seminário de Avaliação Institucional – 1997*”, *Avaliação dos Cursos de Graduação – 1999*. “*Avaliação Institucional – 2000*”, “*Avaliação de Cursos 2001*” .

Além das publicações, muitos foram os eventos realizados nos últimos oito anos. Nomes expressivos como: Roberto Fernando de Souza Freitas – UFMG, José Dias Sobrinho – Unicamp, Tereza Penna Firme – UFRJ, Milton Ferreira da Silva – UESC, Michelângelo Giotto Trigueiro, Prof. Ivo José Both - UEPC, Clarilza Prado – PUC-SP, Ilma de Alencastro Veiga – UnB, Fernando Marsso – UFMG, Ildeu Moreira Coelho – UFG – , Daniel de Aquino Ximenes - Unimep, contribuíram com a reflexão e o processo de consolidação da idéia de avaliação na Unimontes.

Na análise dos dados dos instrumentos nos dois últimos anos, foram priorizadas quatro categorias: a) Avaliação de Disciplinas; b) Avaliação do Desempenho Docente; c) Avaliação do Desempenho Discente; d) Avaliação da Estrutura Acadêmica. Estas quatro categorias pretendem respeitar a diversidade encontrada no interior dos cursos e, ao mesmo tempo, indicar o sentido do ato avaliativo no interior da universidade. As categorias também apontam para as inovações que são freqüentes dentro da universidade. Inovações que nem sempre são percebidas, mas que com a ajuda dos indicadores apontados pela avaliação tornam-se mais visíveis nos documentos publicados nos últimos anos.

A universidade encontra-se, portanto, diante de uma infinidade de informações que foram sendo arquivadas nos últimos anos. Percebe-se que compreender a Unimontes não é tarefa fácil se não se imbuir de um espírito do historiador/hermeneuta que, num emaranhado de informações, procura articular sentidos.

O processo que hoje se desenvolve na Unimontes resgata uma série de significados. É a busca dos sentidos. Percebe-se que a idéia de avaliação foi sendo cristalizada. Tem-se hoje, muitos escritos estanques que falam da avaliação, mas que não foram capazes de impulsionar a dinâmica do ato de avaliar dentro da Unimontes. Muito se escreveu e muito se falou, mas houve uma dificuldade na assimilação e interiorização daquilo que foi falado.

Se os documentos escritos correspondessem às práticas, ter-se-ia um dos processos mais avançados dentro de uma universidade pública. É verdade que a Unimontes não está distante desse avanço mas, sua história diz que ela pode ser mais arrojada.

Consultando o “Projeto de Avaliação Institucional da Universidade Estadual de Montes Claros – 1994”, constata-se a necessidade de repensar a educação brasileira e, sobretudo, aquela ministrada na Unimontes:

A qualidade do ensino brasileiro caiu a níveis baixíssimos, devido ao sucateamento da educação, determinando o lançamento no mercado de jovens despreparados para ocupar espaços existentes, modificando culturalmente a cosmovisão de gerações de educandos. (Projeto, 1994:57)

O projeto de 1994 já refletia a consciência institucional do sentido da avaliação. Com lucidez, os professores que implantaram esse arrojado projeto expressavam o desejo de melhoria da universidade, tomando como meta a qualidade das atividades desenvolvidas no âmbito desta instituição de ensino superior:

A avaliação de desempenho da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, tem em vista promover a permanente melhoria da qualidade das atividades por ela desenvolvidas nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, buscando assegurar a qualidade do seu produto e sua legitimação junto à sociedade. (Projeto, 1994: 66)

A avaliação produziu na Unimontes, nos últimos anos, uma nova cultura, uma nova postura diante dos problemas vividos pela universidade. É claro que, como já assinalamos, o desânimo encontrado nas instituições públicas, advindo, sobretudo, da falta de interesse das autoridades governamentais com os bens públicos, provoca uma onda de pessimismo, emperrando a eficiência do serviço público. A Unimontes não foge à regra e se vê mergulhada nos inúmeros problemas vividos pelos diversos setores públicos deste país.

Uma outra questão que não pode deixar de ser colocada na análise dos diversos documentos que refletem a avaliação na Unimontes é a sua proposta de ser uma Instituição Regional:

Ao analisar os diversos documentos chama a atenção o número de vezes que aparece o termo regional. Já no projeto de 1994 encontramos que “a Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes desde seus primórdios, foi estruturada como uma Instituição Regional. Inserida num contexto socioeconômico político peculiar – o norte de Minas Gerais – a Unimontes vem desenvolvendo uma ação política que busca diagnosticar as causas do subdesenvolvimento da região Norte-Mineira e busca propor alternativas para a superação desse atraso. (Projeto, 1994: 62)

A pergunta então se dirige para este foco: afinal, o que é ser uma universidade de integração regional? O que significa propor alternativas para a superação do atraso da região Norte-Mineira? A avaliação poderá, neste momento, ajudar a clarear a vocação da própria universidade; ajudar a comunidade acadêmica no entendimento de que a universidade precisa sair dos seus muros através de diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão? A avaliação tem revelado que, na teoria, a Unimontes é uma universidade regional. Em todos os documentos, encontra-se uma referência a esse caráter regional, mas em seu interior sente-se um entrincheiramento daqueles que ainda acreditam numa universidade “regional/ territorial/simbólica”. Urge aprimorar a concepção de uma universidade sedimentada no compromisso social com a região:

A Unimontes, instituição que todos – professores, funcionários, discentes, sociedade Norte-Mineira – estamos construindo, deverá portanto, abrigar os melhores, os mais bem preparados intelectualmente, capazes de impulsionar a ciência, forjar a cidadania e transformar a realidade social. (Anais, 1995: 8)

Para se chegar a consolidar um projeto de universidade que dê conta da diversidade regional, é necessário conhecê-la melhor, avaliar suas potencialidades e superar os obstáculos que impedem a compreensão da diversidade regional.

Pensando a partir da Universidade Estadual de Montes Claros, aponta-se o referencial *esperança*. Alguém pode perguntar: está-se naufragando? Não é este o entendimento. Fala-se de esperança porque o futuro sempre guarda surpresas. Neste momento, a maior surpresa para a universidade é poder se redesenhar a partir dos desafios que são colocados. O primeiro é querer ser uma Universidade efetivamente de Integração Regional. O segundo desafio consiste em atender às demandas diversificadas sem perder a qualidade, preservando o aprimoramento constante do seu lugar conquistado em Minas Gerais, no Brasil e no exterior.

Não se pode esquecer de que o redesenhar da Universidade Estadual de Montes Claros se efetiva a partir de tensões, dos diversos conflitos trazidos para o âmbito da Instituição de Ensino Superior.

Duas posturas pode-se ter neste momento: uma, de perplexidade diante dos acontecimentos diários; outra, de desilusão diante dos desafios que necessitam ser superados. A universidade nunca estará pronta, daí o fato de surgirem críticas tanto à instituição quanto ao modelo de avaliação nela implementado.

Não se tem dúvida de que a própria avaliação fomenta um clima de incerteza e de insegurança, pois são grandes as dificuldades de apreender o que está muito próximo. Além da dificuldade de entender o processo que se desenvolve na Unimontes, percebe-se os entraves gerados pela descrença nos resultados das avaliações anteriores.

As instâncias competentes deveriam criar planos que pudessem sanar as dificuldades detectadas pelo processo da Avaliação Institucional, uma vez que “o ato avaliativo só se completará com a tomada de decisão do que fazer com as situações diagnosticadas” (LUCKESI, 2000:11). A ansiedade gerada pelo processo faz com que alguns estabeleçam uma cobrança da própria CEAI (Comissão Especial de Avaliação Institucional) como se essa fosse a instância que dirige e organiza os rumos da universidade. Os relatórios tradicionais não dão conta de ajudar no processo de mudança da universidade se administração não tiver sensibilidade para fazer uma hermenêutica, isto é, tentar compreender não só o que dizem os números, mas o que eles significam para o projeto de universidade que queremos construir.

A experiência que ora irrompe na Unimontes se propõe ser aberta; isto é, parte da perspectiva de que os leitores produzem seus próprios significados e reconstróem suas próprias informações. É marginal essa perspectiva, na medida em que se valoriza o poder de interpretação dos leitores dos documentos. A CEAI não tem poder decisório. Ela apenas funciona como uma instância que colabora na coleta de dados, preparando subsídios para o debate no interior da universidade. Não se está buscando respostas precisas para problemas complexos e difusos, é importante compreender que, no impaciente país das respostas rápidas e fáceis, onde exigimos que as respostas das autoridades sejam acadêmicas, administrativas e políticas, talvez não seja fácil pensar a responsabilidade de um projeto de avaliação.

Ao falar do processo de avaliação na Unimontes, fica claro uma questão: a universidade não é a mesma. Daí a necessidade de criação de uma metodologia para auferir a clareza dos relatórios de forma a perceber os diversos públicos a que ela atende. A avaliação é uma prática de construção coletiva; os relatórios diferenciados só se justificam enquanto iluminarem diferentes aspectos da avaliação, estimularem a participação, negociação, e não atizar o divisionismo entre grupos numa universidade. A avaliação é uma

tarifa de todos nós. “É impossível fazer avaliação com choros e lágrimas. A avaliação tem de ser feita com risos e gargalhadas”. (PENNA FIRME, 1985:42)

Referências bibliográficas

CASTRO, Maria Helena Guimarães. *Um painel da avaliação educacional no Brasil*. Revista Pátio, ano 3, n.12. fev/abr 2000

CEAI/Unimontes. *Anais do I Seminário de Avaliação Institucional da Unimontes*. Imprensa Universitária/Unimontes, Setembro, 1995.

CEAI/Unimontes. *Avaliação Institucional Unimontes*. CEAI/Unimontes/MG, ano I, fevereiro, 1994.

CEAI/Unimontes. *Projeto de Avaliação Institucional da Universidade Estadual de Montes Claros*. Unimontes/MG, ano I, março, 1994.

GOÑI, Javier Onrubia. *Rumo a uma avaliação inclusiva*. Revista Pátio, ano 3, n12. fev/abr 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem*. Revista Pátio, ano 3, n12. fev/abr 2000.

PENNA FIRME, Tereza. *A Avaliação Institucional: Questões teóricas*. In Anais I Seminário de Avaliação Institucional da Universidade Estadual de Montes Claros, 1995, p.42-54.

SOBRINHO, José Dias. *A Avaliação Institucional: Questões teóricas*. In Anais I Seminário de Avaliação Institucional da Universidade Estadual de Montes Claros, 1995, P. 25-41.

XIMENES, Daniel de Aquino. *Avaliação Institucional: compreensão global da Universidade – teoria e prática*. RBA, ano X, n29, jul/2000.